RAUÃ BEZERRA DA SILVA

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.78-82>

Um conto de reviravoltas

Me chamo Rauã Bezerra da Silva, tenho vinte anos e resido na cidade de Gravatá no Agreste de Pernambucano. Sou filho de Ivonete Maria da Silva e José Bezerra da Silva, ambos da zona rural. Meu pai é do Sítio da Lagoa do Barro no município de Chã Grande e minha mãe do Sítio do Cumbe, próximo a Cachoeira das Palmeiras em Gravatá. Sou o caçula de três filhos; meu irmão do meio com 23 anos se chama Ramon e minha irmã mais velha com 26 anos de idade se chama Ramony.

Mesmo não acreditando em nenhuma religião completei todo o meu Ensino Infantil e metade do Ensino Fundamental I em um colégio católico da cidade. Fui um aluno bolsista e era considerado o melhor da turma na disciplina de Matemática, na qual sempre tive muita facilidade com os cálculos, e por essa razão não me lembro de precisar da ajuda dos meus pais para fazer as tarefas de casa. Foi nesta fase da minha vida que a minha família me incentivou a ser professor, o que não quer dizer que eu gostava de assistir aula, pois sempre fui conhecido na vizinhança por ser o garoto que vivia fugindo da escola, pois achava muito tedioso passar a minha manhã dentro de uma sala de aula e foi por essa razão, no término do meu Ensino Fundamental, que quase reprovei por falta.

Na minha infância, eu brincava na rua com as outras crianças do bairro, mas preferia ficar em casa brincando com jogos de montar, tabuleiro ou assistindo TV, e

também gostava de me divertir com o meu primo Mateus. Fazíamos tudo juntos e até hoje somos muito próximos.

Ao terminar o Ensino Fundamental I, os meus pais me transferiram para a rede pública, onde passei a estudar na Escola Estadual Aarão Lins de Andrade. Me recordo que a quinta série foi um pouco mais difícil a adaptação, pois eu era muito tímido e não fiz amizades rápido, o que me levou a sofrer bullying no começo deste ano letivo. Foram muitas aulas perdidas em decorrência do abuso que sofria, e cheguei a levar alguns tapas e socos, não levando a situação até a direção por medo de ser punido também. Todavia, neste mesmo ano, conquistei uma de minhas maiores amizades e foi por conta dela que passei a ter mais motivação para ir à escola. Natália e eu vivíamos colados na sala de aula e no intervalo, sorriamos de tudo.

Na sexta série mudei de turma, pois a gestão da escola me colocou na turma A. Este ano foi menos tumultuado porque fiz mais amizades. No ano seguinte, na sétima série, fiz muita bagunça, deixei de ser o menino tímido e passei a ser o bagunceiro junto com meus outros três amigos, Tiago, Daniel e Raul. Nós quatro fugíamos da escola para poder jogar vídeo game em uma *lan house* próxima e foi o ano em que mais vivi aventuras faltando as aulas e pulando o muro da escola. Foi neste mesmo ano que fiz as provas da OBMEP e passei nas duas fases, sendo um dos três na cidade de Gravatá que conseguiram, resultado que me fez escapar da reprovação.

Na minha oitava série fui separado novamente dos meus amigos, pois fui o único dos quatro que conseguiu passar de ano, o que me fez ter menos interesse em assistir aula, uma vez que, eu não podia estar mais com meus amigos e não gostava das pessoas da minha nova turma, sendo um dos piores anos de todos. Tive muitas faltas nas aulas, me envolvi em um jogo virtual e, entre outros problemas, desenvolvi depressão.

Não tenho muitas lembranças deste ano, pois ele se resumiu em passar o dia olhando para a tela de um computador, o que causou preocupação em meus pais que sempre me perguntavam se eu estava sofrendo bullying na escola, mas nunca me abri com eles. No fim do ano, não consegui entrar na escola técnica que tanto queria, pois não havia me preparado e fiquei de recuperação em quase todas as disciplinas, mas posteriormente fiz as provas e consegui passar.

Faltava apenas a prova final de Ciências, e quando cheguei na sala não tinha ninguém aplicando a prova, então fui na sala dos professores e quem me atendeu foi a professora “Mocinha”, que me deu um conselho que nunca mais esqueci. Ela era minha professora de Português, contei que faltava apenas esta prova para ser aprovado, então ela ligou para o professor de Ciências e eles concordaram em me aprovar. Depois ela me chamou para dentro da sala e me disse: “nós aprovamos você porque acreditamos no seu potencial, vá para a escola de referência e assista as aulas de lá”. Foi uma frase simples, mas que me fez derramar uma lágrima dos meus olhos.

No ano de 2015 iniciei o Ensino Médio, onde comecei a me interessar em assistir as aulas, e as minhas notas melhoraram, tendo poucas faltas no meu boletim. Foi neste ano em que passei a realmente gostar de estudar e fiz mais uma grande amizade que dura até hoje, Thiago. Vivíamos sempre tão colados na escola que alguns colegas desconfiavam que fôssemos um casal.

Então o primeiro e segundo ano se passaram com toda aquela energia que qualquer estudante de Ensino Médio tem. No terceiro ano já estava bastante ansioso para acabar o ano e entrar na Universidade; eu estudava em tempo integral e à noite cursava o pré-vestibular com minha colega Maria Aparecida (Cidinha) - in memoriam -, onde estudávamos juntos desde o Ensino Fundamental, mas somente neste momento nos permitimos uma aproximação e foi uma amizade única que foi fortalecida pelo tempo que passávamos juntos, tanto na escola, quanto no pré-vestibular. Infelizmente seu fim foi trágico, ela morreu com uma das piores doenças que podemos ter, a depressão.

Em 2017 passei um dos anos mais estressantes e acabei descontando esse estresse nas pessoas ao meu redor. Novamente passei a faltar muitas aulas, discuti com vários professores e funcionários, inclusive, a diretora da EREMPAF (Escola de Referência em Ensino Médio Professor Antônio Farias). Mesmo assim, consegui concluir o ano com êxito e comemorei a formatura em uma viagem com a turma da escola para Pipa, no Rio Grande do Norte. A viagem foi maravilhosa, apesar de ter perdido minha carteira com todos os meus documentos e quase R\$ 500,00 nas vésperas da aplicação do Exame Nacional do Ensino Médio. Felizmente, continha no edital uma cláusula em que podíamos fazer a prova apresentando um boletim de ocorrência em caso de perda de documento.

Nesta mesma época prestei o vestibular do IFPE para o curso de Licenciatura em Química, e fui motivado a fazer este curso no Instituto devido à minha professora do pré-vestibular, pois, nas aulas dela eu ficava bobo com a forma como ela ensinava e como gostava do que fazia, por isso decidi pelo curso.

Logo no fim do ano de 2017 recebi de presente de Natal a aprovação no curso de Licenciatura em Química. Nos meses de Janeiro e Fevereiro chegaram os resultados dos outros vestibulares, e havia passado em Engenharia de Biotecnologia e Bioprocessos na UFCG, Licenciatura em Ciências Biológicas na UFPE/CAV e duas Bolsas em duas universidades particulares no Recife de Bacharelado em Ciências Biológicas, mas, infelizmente, não me recordo do nome destas instituições. Espero um dia encontrar a professora “Mocinha” e agradecer o seu conselho que muito provavelmente nem lembra mais disto, mas foram palavras muito significativas para mim.

Dentre os cursos em que fui aprovado, escolhi cursar Licenciatura em Química no IFPE no *Campus* Vitória de Santo Antão. E assim começa o primeiro período letivo, um mundo totalmente novo com pessoas novas e eu, que nunca tinha visitado um Instituto Federal, me fez encher os olhos por ser um lugar tão grande, bonito e com tantas árvores. Quem não gosta deste sentimento de novidade? Durante as aulas, a professora Dra. Kilma Viana nos apresentou o Programa Internacional Despertando Vocações para Licenciaturas (PDVL), provocando uma maior ambição acadêmica em todos.

A seleção foi feita através de uma redação em que tínhamos que explicar o motivo pelo qual gostaríamos de entrar no programa e consequentemente, fazer uma entrevista. Durante esta entrevista pude ver minhas mãos tremendo de nervosismo, mas ainda bem que deu tudo certo. Logo quando ouvi sobre o programa, fiquei empolgado, pois a proposta é incentivar a prática docente, e eu entrei com a intenção de ser professor, contudo, ainda tinha minhas dúvidas acerca da profissão.

Assim, ingressei no Grupo de Trabalho de Resolução de Problemas, não foi minha primeira opção na seleção, mas hoje não trocaria de forma alguma e nem gostaria de deixar de trabalhar com cada uma das pessoas, tanto do GT de RP quanto dos outros colegas do PDV. No ano de 2019, me afastei das atividades por problemas pessoais, no entanto, como diz o ditado, “um bom filho a casa torna”. A metodologia de

Aprendizagem por Resolução de Problemas que aprendi no PDVL irei levar para além da extensão universitária, assim como todos os outros aprendizados que conquistei junto aos meus colegas e amigos com quem trabalhei e trabalho, em especial ao professor MSc. Sanderson Malta que esteve sempre ao meu lado me orientando em toda a minha trajetória acadêmica, assim como, foi o responsável por ensinar grande parte do que aprendi e por me ceder uma bolsa do PIBEX IFPE (Programa Institucional de Bolsas de Extensão do IFPE).

Dentre as várias experiências que vivenciei, uma delas foram as Visitas Guiadas, uma atividade que proporciona às turmas do Ensino Médio a conhecer o *Campus* do IFPE e faz-se uma culminância das atividades de cada grupo de trabalho para os estudantes, um aprendizado bastante enriquecedor para todos os envolvidos. Não posso esquecer de falar dos Congressos que o programa me possibilitou participar, em especial o COINTER PDVL. É indescritível o sentimento de participar pela primeira vez de um Congresso Internacional e ter contato com a ciência que é produzida nas mais diversas regiões do Brasil e do mundo. Como participei da comissão organizadora no V COINTER PDVL, tornou-se ainda mais prazerosa a vivência por ver de perto o esforço de todos que fazem o evento acontecer com êxito.

Por fim, venho por meio deste relato, agradecer a todos que participaram da minha jornada direta ou indiretamente. Este conto que chamo de vida continua...